

LEITURAS DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*:\* SUA TRADUÇÃO ALEMÃ  
E A CORRESPONDÊNCIA DE GUIMARÃES ROSA COM SEU TRADUTOR  
ALEMÃO CURT MEYER-CLASON

---

FÁBIO LUÍS CHIQUETO BARBOSA\*\*

---

RESUMO

O presente artigo organiza-se em torno de dois eixos principais. Trata-se, no primeiro, da rápida discussão de aspectos relativos ao estudo de documentos epistolares como fonte de pesquisa e da apresentação do caso da correspondência trocada entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason. Na sequência são apresentados elementos que, com base na análise de documentos publicados e de documentos inéditos, levam à consideração aspectos da obra e do fazer poético do autor ainda não ponderados publicamente pela crítica especializada.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, correspondência, estereótipos.

---

No Brasil, diferentemente da Europa, e a despeito de recente interesse por parte de pesquisadores importantes, o estudo de cartas como fonte literária é um tipo de pesquisa pouco praticada. A exceção fica talvez por conta dos estudos de crítica edótica e genética, praticados com visibilidade no Brasil desde, pelo menos, meados dos anos 80. E não deveria ser assim, visto que a análise da correspondência de um autor pode elucidar estruturas profundas de sua obra, pode ajudar a esclarecer relações textuais não expressas abertamente e a compreender a gênese de textos e ideias. Isso tudo pode ser possível porque, ao escrever uma carta em que comenta seu trabalho, um autor tem a certa intenção de transmitir algum conhecimento a seu interlocutor. Trata-se, afinal de contas, do estabelecimento de uma relação de emissão/recepção e de uma cumplicidade comunicativa.

Assim, a leitura da correspondência de um autor, bem como a ponderação sobre ela, pode levar até mesmo a uma percepção mais ampla

---

\* *Grande sertão: veredas* foi publicado em inglês (EUA) com o título: *The devil to pay in the backlands*.

\*\* Professor da Universidade Estadual Paulista (Assis, SP).  
E-mail: fabiochiqueto@assis.unesp.br

de sua poética. A correspondência permite ao crítico escarafunchar as entrelinhas da criação literária.

Guimarães Rosa foi um autor brasileiro relativamente profícuo na troca de cartas. Apesar das atribuições do cargo público que ocupava junto ao governo federal, que lhe tomavam muito de seu tempo, ele se preocupava em responder, sempre que possível, a todas as missivas que lhe eram enviadas, sobretudo, por seus tradutores. Particularmente valiosos são os conjuntos de cartas trocadas respectivamente com os seguintes tradutores: o italiano Edoardo Bizzarri, o alemão Curt Meyer-Clason e com a americana de origem latino-americana Harriet de Onís.

Diante desse patrimônio inigualável de documentos, seu estudo, sobretudo se realizado sob a ótica dos estudos da tradução, reveste-se de um caráter transdisciplinar importante na medida em que se constrói a partir da consideração da diferença e das tensões dos textos de partida e de chegada e das transformações, adequações e mutilações do texto e do conformismo/inconformismo que autor e tradutor manifestam em relação ao resultado.

A primeira pessoa que chama a atenção para a importância da correspondência de Guimarães Rosa, sobretudo com seus tradutores, é, ainda na década de 1970, Paulo Rónai. Tal importância, enfatizada em artigos de jornal em diferentes datas, deriva, para este teórico, do fato de esta correspondência conter elementos fundamentais para a compreensão do processo de criação literária, em Rosa, seja pelos conceitos emitidos pelo autor, seja pelos comentários e críticas que ele então traça ao avaliar as traduções de seus textos. Nas palavras de Rónai, os dados levantados podem gerar perspectivas para estudos rosianos dos mais diversos âmbitos, sejam eles filológicos, literários ou tradutológicos.

A correspondência de Rosa com seus tradutores está reunida no *Acervo João Guimarães Rosa*, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), em São Paulo, e totalizam 372 documentos. Deste *corpus*, encontram-se publicadas as cartas trocadas entre Rosa e seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri e com o tradutor alemão Curt Meyer-Clason e estabelecidas para edição, segundo critérios teóricos da Crítica Textual e da Edótica e devidamente anotadas, as cartas trocadas entre Rosa e sua

tradutora norte-americana Harriet de Onís. Os demais documentos ainda aguardam estudo adequado ou a publicidade dos resultados obtidos.

A análise da correspondência de Rosa com o universo alemão (não apenas com seu tradutor, mas também dele com seu editor alemão e deste com o tradutor) pode produzir efeitos inquietantes para aqueles que distanciam a figura do autor da do homem. Guimarães Rosa sempre gozou da fama de ser poliglota, fato que eventualmente estimula seus tradutores a consultá-lo talvez mais do que normalmente o habitual, a fim de obterem sua ajuda na tarefa de traduzir seus livros. Entretanto, a fluência de Rosa em todas as línguas atribuídas ao seu cabedal precisa ser relativizada.

Embora dotado de fluência, pequenos problemas de Guimarães Rosa com a língua inglesa, por exemplo, já são apontados por Verlangieri (1993) nos pontos seguintes: 1) erros ortográficos: a) acréscimo de letras; b) desdobramento de letras; c) omissão de letras; d) troca de letras; e) falta de maiúscula; f) omissão de letras na transcrição de trechos da tradução de Harriet de Onís e 2) Erros gramaticais: a) falta de artigo; b) erros de concordância verbal; c) erros de concordância nominal; d) erros no emprego dos tempos verbais e e) equívocos no emprego de derivação sufixal.

Também há, na Alemanha, de posse da editora que publica as traduções de seus livros no país, o original de um bilhete datilografado e assinado por Guimarães Rosa ao senhor Joseph Witsch, seu editor, que contém erros de alemão na ordenação temporal dos verbos empregados. Em outra carta, igualmente de posse da editora alemã, Rosa confessa apoiar-se em sua sogra, a qual o ajuda com sua correspondência no idioma de Goethe por ainda não dominá-lo satisfatoriamente.

Não se trata evidentemente de desmerecer os conhecimentos linguísticos do autor, mas de reenquadrar a imagem do intelectual de dotes linguísticos sobre-humanos, imagem sempre ligada a Rosa, dotando-lhe justamente de uma dimensão real e humana. O reconhecimento desses fatos também sugere quão temerário para os tradutores poderia ser valerem-se *unicamente* dos conhecimentos linguísticos do autor como recurso de esclarecimento de dúvidas, expediente usado por muitos deles em casos pontuais. Uma terceira reflexão emerge: se na esfera privada Rosa tende a confessar suas dificuldades linguísticas e na esfera pública, por outro lado, não faz esforço para relativizar sua capacidade

nessa área, pode-se especular que o autor gostava da imagem de poliglota vigoroso que se construía sobre sua pessoa e que até mesmo contribuía para sua existência. Isso mostra que Rosa possivelmente tinha um projeto para criar uma imagem do *autor* Guimarães Rosa.

O caso específico a que agora delimita este texto, isto é, a troca de cartas entre Rosa e Meyer-Clason, converte-se, de fato, em um minucioso acompanhamento da parte de Guimarães Rosa da tradução de suas obras para o alemão e, portanto, a correspondência entre os dois é relativamente extensa. Começa com a carta de 23 de janeiro de 1958 e se estende até 27 de janeiro de 1967, poucos meses antes da morte do autor mineiro.

Após o primeiro contato, Rosa envia a Clason um exemplar do livro *Grande sertão: veredas*, em 9 de fevereiro de 1959. Em 7 de maio desse mesmo ano, envia-lhe um volume de *Corpo de Baile* e de *Sagarana* respectivamente. A princípio, após exíguo intercâmbio epistolar, fica decidido que a primeira obra a ser traduzida seria *Corpo de Baile*. Entretanto, ao longo da troca de correspondência, Meyer-Clason persuade Rosa a optar por *Grande sertão: veredas* por julgar que essa obra produziria no público alemão um impacto muito maior, dadas as suas características épicas. Clason, entretanto, nunca esclareceu satisfatoriamente, em suas cartas, o que o termo impacto poderia significar em sua frase. Não obstante, o tradutor convence o autor a esperar a publicação da tradução do romance para a língua inglesa, que certamente foi usada por Clason como texto secundário e de apoio em sua atividade tradutória.

A primeira tradução de uma obra rosiana para o idioma alemão é acertada, quando Clason retorna ao Brasil e tradutor e autor concordam, então, com uma versão de *Grande sertão: veredas*. A tradução sai, em 1964, após seis anos de trabalho e negociações editoriais.

Entretanto, ainda que demonstre compreender as intenções do autor e mesmo promovendo a criação de inovações linguísticas, como neologismos, por exemplo – muitos deles comentados na correspondência pelo próprio Rosa –, o tradutor nem sempre chega a produzir soluções que satisfaçam o autor. É certo que Rosa sempre comentava elogiosamente os trabalhos de seus tradutores, mesmo quando insatisfeito com eles, mas também os elogios de Rosa às soluções deste e de outros tradutores precisam ser relativizados. Rosa exerce a diplomacia também com seus

tradutores. Podemos comprovar facilmente esta característica do autor ao analisarmos comparativamente os diferentes conjuntos de cartas. Nas missivas enviadas à sua tradutora norte-americana, Harriet de Onís, Rosa tece comentários elogiosos acerca das soluções encontradas por ela, obviamente fornecendo-lhe em seguida muitas *sugestões* de como poderia aperfeiçoar o texto. Entretanto, o autor queixa-se abertamente, diversas vezes, de algumas soluções de Onís a Curt Meyer-Clason. Também era comum, na correspondência com o tradutor alemão, que Rosa elogiasse longamente uma mostra de tradução a ele enviada por Clason, que afirmasse estar perfeita para, em seguida, anexar uma lista extensiva de correções que poderiam apurar o texto, como foi o caso de mostras da tradução de *Grande sertão: veredas*.

À luz da correspondência com o tradutor, pode-se ainda rastrear a presença de desvios na tradução, sejam eles de natureza semântica, estilística ou até mesmo ideológica. Como exemplo, tomem-se algumas palavras discutidas por autor e tradutor, mas que foram mantidas em português por este último na tradução de *Grande sertão: veredas*.

Ao todo, em sua tradução do romance de Rosa para o alemão, Clason deixa 57 palavras em português elencadas em um glossário. Nele o tradutor explica para seu público o significado das palavras que ele julga impossíveis de traduzir para o alemão. Destas, 18 referem-se ao elemento humano da narrativa; 21 referem-se a atividades humanas ou a elementos associados a elas e 18 referem-se à caracterização do ambiente físico ou estão ligadas ao domínio dos animais.

Dentre as palavras relacionadas no glossário, considerem-se, aleatoriamente e à guisa de exemplo, as seguintes palavras: *Sertão*, *Gerais*, *Vereda*, *Quintal*, *Senhor* e *Séo*. As duas primeiras – Gerais e Sertão – referem-se, basicamente, à mesma paisagem e ao mesmo conceito, usadas de modo relativamente estável como sinônimas na obra, muito embora seu uso, em passagens específicas, possa indicar nuances de sentido no texto de partida. A terceira – vereda – refere-se a um conceito igualmente importante dentro da obra. Não obstante, essa palavra encontra diferentes realizações no texto alemão, sendo substituída pelas palavras *Flußpfad* [=curso d'água e *Fluß* = rio, em provável analogia a *Fußpfad* = caminho] (ROSA, 1992, p. 8) e *Flußlauf* [=curso d'água] (ROSA, 1992, p. 365), por exemplo, o que prejudica a formação de uma trama simbólica eficiente no texto alemão do romance

como um todo e, conseqüentemente, prejudicando – ou, pelo menos, redimensionando – seu papel na configuração do conceito e da imagem para o texto traduzido do que seja vereda e de seu papel simbólico.

Por outro lado, fica também patente que não existem critérios muito claros para que palavras tenham sido deixadas em português, no texto traduzido, e que curiosamente não compõem o glossário – embora sua inclusão aí fosse talvez proveitosa – como é o caso da palavra *buruti*. Ausente do glossário, ela tem pelo menos três realizações nos trechos que compõem o texto alemão de *Grande sertão: veredas*: 1) a conservação da palavra portuguesa (Buriti), 2) sua substituição por *Palme* [=palmeira], e 3) sua substituição por *Buritípalme*. Não há no texto literário ou na correspondência argumento para justificar esse procedimento. A conservação de palavras da língua portuguesa, no texto em alemão, pode ter, então, o papel inconfesso do tradutor de invocar e incorporar a seu texto um certo tom de exotismo com o qual espera que o sertão, um espaço físico distante e desconhecido do público leitor alemão, desperte-lhe o interesse, oferecendo à obra, dessa forma, uma porta de entrada no universo alemão, senão no literário pelo menos no editorial.

Outro fato que chama a atenção do leitor crítico no glossário que Clason anexa à sua tradução e que é construído e discutido com Rosa, ao longo da troca de correspondência entre os dois, é a não relativização de conceitos explicados dentro da obra, mas a sua elucidação referencial pura e simples, tal como elas podem ser encontradas em dicionários. Ora, a crítica literária da década de 1960 já havia analisado e identificado muitos sentidos do sertão rosiano e Clason certamente tinha acesso a esses textos. Não se justifica, portanto, o obscurecimento desse aspecto ou a mera recusa da menção de sua possibilidade no glossário. Ademais, mesmo considerando que, embora a utilização do glossário não esclareça realmente as palavras e conceitos dentro da obra, em seus aspectos mais peculiares e importantes, e que a intenção de sua existência seja apenas para informar referencialmente o leitor alemão de uma realidade que ele desconhece, ainda assim as entradas não são funcionais, pois contêm erros. O verbete dedicado ao sertão, por exemplo, enfatiza sua localização no nordeste brasileiro quando, na verdade, o sertão compreende, geograficamente falando, uma área muito mais vasta e abarca grande parte do território de estados do sudeste e do

centro-oeste brasileiro. Mesmo assim, esta definição é demasiadamente canhestra para dar conta do conceito de sertão, seja nos sentidos simples ou mais complexos que adquire na obra de Rosa, seja nos usos populares e corriqueiros presentes no imaginário coletivo brasileiro.

Ora, para haver o mínimo de distorções possíveis da ideologia, presente no texto de partida, é necessário ao tradutor ocupar-se muito mais dos *sentidos* que as palavras assumem dentro dos contextos culturais em que são produzidas e no contexto da obra em que aparecem do que com o seu significado estável e dicionarizado, tal como Rosa, reiteradas vezes, sugere a Clason em suas cartas. Dessa forma, o glossário contribui para aumentar ainda mais, e de maneira torta, a noção de um sertão geograficamente localizado, direcionando o olhar do leitor alemão mais no meio físico, ao invés de funcionar como uma alavanca que o impulsiona para dentro do texto. Isso o levaria a construir uma imagem mais ampla e complexa do sertão que, se por um lado não nega sua dimensão concreta, por outro igualmente não negligencia sua natureza metafísica e filosófica, ambas bem identificáveis, no texto, em língua portuguesa. Clason, dessa forma, mesmo que sem consciência de que faz isso, mesmo que involuntariamente, acaba provocando um direcionamento que se refletirá na leitura e na recepção da obra na Alemanha.

De modo geral, percebemos que Meyer-Clason não procura criar um registro linguístico renovado para o texto alemão, um dialeto específico do mundo rosiano, tal como o autor esmera-se por construir em português. Há neologismos, isso não se pode negar, mas cuja importância, quando colocados na perspectiva do texto como um todo, acabam por desintegrar-se. Em outros casos, neologismos rosianos simples como *tenção* ou como *descarecer* são traduzidos respectivamente pelas palavras e *Aufmerksamkeit* (atenção) e *überflüssig* (supérfluo), ambas perfeitamente enquadradas dentro da norma culta alemã.

Ademais, Clason chega a confessar sua dificuldade em trabalhar com a linguagem de Rosa:

Num primeiro momento, após a leitura de *Grande sertão* –, diz o tradutor –, pensei comigo: ou esta linguagem não existe ou nunca estive no Brasil. Naturalmente eu havia lido *Trilhas do sertão*, de Cavalcanti Proença, mas o que me auxiliou muito foi a introdução

à edição inglesa do G.S.V., feita por Jorge Amado. Reconheço, porém, que a mania do americano, de reduzir tudo à linguagem *common-sense*, a uma racionalidade absoluta, não permitiu uma tradução fiel da obra de Rosa. Por exemplo, a belíssima imagem – “Dia das Abelhas Brancas” – é traduzida por *A red letter day*. (MEYER-CLASON, 1968)

No trecho acima, Meyer-Clason queixa-se do fato do americano reduzir tudo a uma linguagem *common-sense*, isto é, uma linguagem corrente, usual e despida de recursos expressivos. Contraditoriamente à sua indignação, é justamente essa direção para a qual seu trabalho se dirige quando concluído. As opções de Clason não refletem nem a prática linguística do autor nem sequer sua própria intenção inicial de recriar o mundo rosiano em alemão. Em carta à sua tradutora norte-americana, o próprio Rosa revela:

O texto literário precisa de ter o gosto, sabor próprio – como na boa poesia. O leitor deve receber sempre uma pequena sensação de surpresa – isto é, de vida. Assim, penso que nunca se deverá procurar, para a tradução, expressões já cunhadas, batidas e cediças, do inglês. Acho, também, que as palavras devem fornecer mais do que significam. As palavras devem funcionar também por sua forma gráfica, sugestiva, e sua sonoridade, contribuindo para criar uma espécie de ‘música subjacente’. Daí, o recurso às rimas, às assonâncias, e, principalmente, às aliteraões. Formas curtas, rápidas, energéticas. Força principalmente. (VERLANGIERI, 1993, p. 218)

A despeito dessas recomendações, das quais Clason tinha conhecimento, a função da linguagem dentro do texto alemão não alcança plenamente a força a que se refere Rosa. Esse fato frustra parcialmente as intenções do autor de fazer da tradução alemã de *Grande Sertão: Veredas* a mais fiel versão do texto em português graças aos recursos de que, na perspectiva do autor, esta língua dispõe e que ele considera potencialmente funcionais para a recriação de sua obra em tradução. Apesar disso, até hoje as traduções alemãs da obra de Rosa são infundadamente celebradas como as melhores, as mais bem acabadas e realizadas versões que existem de seus textos, sobretudo no que se refere ao romance *Grande sertão: veredas*.

Percebendo que talvez o texto concreto da tradução alemã não corresponderia a seus sonhados ideais, Rosa muda o eixo da confiança, antes depositada no trabalho do tradutor, para uma nova confiança agora dirigida ao leitor alemão, um ideal e provável bom leitor de sua obra. Rosa declara:

[...] em três particularidades, pelo menos, o leitor alemão se diferencia do leitor norte-americano, com relação a um romance destes: 1) quanto ao pensamento metafísico; 2) a visão mais minuciosa das paisagens, da natureza; 3) a poesia implícita. Creio que, quanto a estes três pontos, o alemão (assim como os escandinavos etc.) reage de modo positivo; enquanto que, os norte-americanos, reagem mais para o meio-negativamente. Estou certo? (VERLANGIERI, 1993, p. 29)

Ao procurar dimensionar seu romance, na esfera da recepção da tradução e não no de sua produção, Rosa não se apercebe das armadilhas desse expediente. Ao considerar o leitor alemão da forma acima declarada – e mesmo que tivesse razão em todos os pontos de seu posicionamento – Guimarães Rosa não atenta para o fato de que os leitores reais – diferentes desse leitor ideal que constrói para seus textos – estão irremediavelmente contaminados com os estereótipos de seu horizonte de expectativas, o que vai transformar indelevelmente os processos de recepção, de interpretação e de entendimento de seus textos.

Pode-se, pois, concluir que a reafirmação das características físicas do sertão, em detrimento da sobreposição de vários planos de sentido, tal como está no texto em português, e visto que estes foram pontos de discussão entre tradutor e autor, deu-se como processo parcialmente consciente por parte de Curt Meyer-Clason. A preocupação do tradutor muitas vezes em poupar o leitor alemão de temas metafísicos, sugerida pela análise de suas declarações, pode ser facilmente questionada se partirmos da constatação de que essa indulgência a favor do público é, assim como na questão linguística, facilitadora. O tradutor não compartilha dos ideais estéticos dos escritores alemães de seu tempo, pelo menos, no que diz respeito à tentativa de procurar novas formas de expressão dentro da língua alemã. Para estes, a busca por novas formas representava a tentativa de apagar os vícios nela inculcidos pelo

regime nazista; para aquele, esse arrojo acolheria benfazejamente as necessidades da tradução dos textos de Rosa, vindo-lhe ao encontro.

A imagem que se forma relativamente ao sertão de *Grande sertão: veredas* vai aderindo cada vez mais às suas configurações enquanto espaço físico no texto alemão. Tal construto vai se delineando, portanto, e em certa medida, como aquele de uma realidade física que vai de encontro ao estereótipo do território do interior de um Brasil exótico (do ponto de vista alemão), tal como o imagina o leitor de literatura brasileira, na Alemanha, o qual, provavelmente, já leu em alemão Jorge Amado.

A força ideológica que motiva essa configuração estética quem nos dá é o próprio Curt Meyer-Clason. Na entrevista concedida a Lísia Dornelles, Curt Meyer-Clason declara que o sertão do *Grande sertão: veredas* alemão é apenas a paisagem, a natureza que compõe o cenário no qual as ações se desenrolam, tendo em vista as peculiaridades do leitor alemão da época de lançamento do romance:

O tradutor alemão não esconde, também, sua opinião sobre o leitor de seu país e sobre os aspectos metafísicos da obra de Rosa. “Devido ao trauma provocado pelo Terceiro Reich, com doze anos de existência, ficaram marcas tão profundas no povo, que ainda hoje não foram totalmente superadas. Daí o leitor em geral, e particularmente o crítico, ter muito medo da metafísica. A ficção de teor metafísico não provoca, hoje, a atração que provocaria há vinte anos, nos tempos de Hermann Hesse e Thomas Mann. O que empolga o leitor alemão, na obra de Rosa, é a côr, a plasticidade, a fôrça, a vitalidade cíclica”. (MEYER-CLASON, 1968)

No trecho acima, uma parte da entrevista concedida a Sílvia Dornelles, Meyer-Clason reconhece ter deliberadamente manipulado e empalidecido elementos metafísicos da obra de Rosa, inclusive os que partem das imagens tomadas da realidade física. Esse posicionamento ideológico pode ser rastreado, na rede de imagens configuradas com base no plano físico, tal como pode ser demonstrado em uma explanação comparativa mais extensiva dos textos em português e em alemão respectivamente.

Assim, de maneira geral, não é difícil chegar à conclusão de que a tradução alemã de *Grande sertão: veredas* está construída, valendo-se

de uma ótica que confere à estrutura do texto um caráter que pende para a univocidade de sentidos, jogando para planos secundários os sentidos polifônicos que emergem intrinsecamente à obra na composição de suas imagens. A consequência é que também os planos superpostos da configuração da realidade física são castrados.

Do ponto de vista da estética, tal fato representa um abrandamento dramático em alemão da carga poético-expressiva da obra escrita por Rosa, pois como nos lembra Laranjeira (1993), a polifonia do discurso ou, em outras palavras, a superposição de suas vozes é fator que precisa ser pesado e considerado ao traduzirmos literatura, especialmente poemas ou textos de forte apelo poético como é o caso das narrativas de Rosa, sob a pena de produzirmos em tradução um texto mutilado em seus aspectos mais importantes.

A análise das fontes epistolares da correspondência de Rosa e Clason mostra em parte que, ideologicamente, a manipulação – ou a não manipulação – dos estereótipos do sertão e a opção do tradutor por conservá-los e ampliá-los no texto alemão se dá em parte também de modo inconsciente. Em todo caso, entretanto, o entendimento da obra de Guimarães Rosa e o respeito que Curt Meyer-Clason demonstra ter por ela, nas cartas, bem como por meio da redação de textos teóricos e entrevistas, não se transfere para o texto alemão de *Grande sertão: veredas* tão tranquilamente. A forma como Clason conduz sua prática tradutória demonstra mais consideração com o público leitor e com o mercado editorial alemão do que com o texto em si e seu código poético, caracterizando-se mais como uma resposta ao que esse público quer ler e ao que os editores querem publicar do que propriamente como a experiência de recriar, em alemão, o êxtase de sentidos que o texto em português pode causar em seu leitor quando este é atingido pela força de suas imagens.

READINGS OF *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*: ITS GERMAN TRANSLATION AND THE LETTER EXCHANGE BETWEEN GUIMARÃES ROSA AND HIS GERMAN TRANSLATOR CURT MEYER-CLASON

ABSTRACT

The present article gets organized around two main axles. The first one briefly presents a discussion of aspects related to the study of epistolary documents as

research source and discusses some issues of the correspondence exchanged between João Guimarães Rosa and his German translator Curt Meyer-Clason. In the sequence, elements are presented that, on basis of an analysis of published and unpublished letters, lead one to the consideration of work points and author's *poiēsis* aspects not yet openly considered by the specialized criticism on him.

KEY WORDS: translation, correspondence, stereotypes.

---

#### REFERÊNCIAS

LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1993.

MEYER-CLASON, Curt. Saudade do Brasil faz um grande tradutor. Entrevista a Lisia Dornelles. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1 de jan. 1968.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão*. Tradução de Curt Meyer-Clason. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1992.

VERLANGIERI, Iná Valéria. *J. Guimarães Rosa: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. 1993, Tese (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1993, 357 p.